N.º 165 (4.º)—(287)—6.º ANNO Quinta-feira, 8 de Janeiro de 1914—Preço 2 cent.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal **O Zé**

DIRECTOR EDITOR
Estevão de Carvalho

SECRETARIO DA REDACÇÃO
Arlindo Boavida

Composto, Impresso e Gravado:
Nas Officinas Graphicas do jornal O Zé
Rua do Poço dos Negros, 81, 1.º

Succsesor do jornal O XUÃO

Redacção e administração, Rua do Poço dos Negros 81

Casamento escandaloso

Não ha duvida, que com taes nubentes, a lua de mel deve ser deliciosa!
Politicamente fallando.

O grande Elias de Lencastre

Fita muito fallada das casas Pathétas e Vitalarves

1.ª parte

Manhã de nevoeiro frio, espesso, tenso. A' porta do Governo Civil do Porto um homem embrulhado até aos cabellos inquere d'um guarda qualquer coisa. O guarda, bufo como todos, cogita, pensa, medita e resolve ir chamar o *chefre*. O chefre deita um olhar por cima da burra para o *indibidúo* e vae saber lá dentro.

— «Senhor Cevôla dá licença?»

— «Arre que já lhe disse que não sou Cebôla! O que é que você quer?»

— «Está alli um typo a modo com a cara de pessôa masculina que deseja fallar a Vosselencia.—»

A mysteriosa personagem entra e apresenta o seu bilhete em branco! O chefe que viu a fita do *Fantomas* elucida então o comissario:

—«Escúpa senhor, dr., escupa! Passado com saliva o dedinho por cima surge então o nome «Homero».

— «Oh! Grande Elias! Ora vamos lá a conversar!»

O chefe sae sobre a porta que se fecha á sua passagem! D'ahi a meia hora toca o timbre e o comissario diz ao chefe: — Acompanhe este senhor, ponha 4, 6 guardas, a esquadra em pezo se fôr precizo, á sua dispozição, automoveis quantos quizer, hotel, cama, meza e... roupa lavadinha!»

A' porta todos os guardas fazem a continencia e a mysterioza personagem de chapeu molle, cachimbo, mãos nos bolsos do sobretudo, entra no automovel!

— «Em V. Ex.ª querendo é só telefonar...

E elle ouviu, chupou, sorriu... e quedou silenciôzo!

2.ª parte

O dedo da mysterioza personagem ora se ergue declarando a innocencia ora se abate demonstrando a culpabilidade.

— João Nazareth?

Dedo abaixo. Ordem de prizão!

— Augusto Cachimbebes?

Dedo abaixo. Feroz revolucionario.

— Carlos Beja

Dedo acima; innocente.

— Mathias de Geromenho?

Dedo abaixo...

E as declarações formaes das culpabilidades vão-se amontoando!! O comissario esfrega as mãos de contente! «Que meada, que sensacional que isto é? Oh! amigo Homero que você ha-de-me dizer como descobriu isto tudo!!»

E a mysterioza personagem de chapeu molle, cachimbo, mãos nos bolsos do sobretudo, ouvia, chupou, sorriu e... quedou silenciôzo!!

3.ª parte

Gabinete de trabalho do illustre *detective* e habil Sherloc portuense! Sua eminencia n'um fauteil lê o *Mundo* periodico duma cidade d'este paiz maravilhozo:

«Homero é a alma popular a transbordar de indignação fazendo justiça por si! Ha homens que vallem as ideias. A justiça fez se; o habil defensor da Republica, o organizador dos trabalhos policiaes e das investigações merece que a Republica corôe os seus esforços e a sua atitude digna e brioza.»

E a mysterioza personagem de chapeu molle, cachimbo, mãos nos bolsos, leu, chupou, sorriu... e quedou silenciôzo!

4.ª parte

Parlamento. A maioria vae fallar pela bocca do seu leader. A palavra ao serviço da verdade e da justiça. Ha um suzurro de pavor nas opposições, de confiança no partido.

«Meus senhores! Essa figura que na patria historia se ergue a defender uma causa, um regimen, uma Patria, é bem digno que no seio da representação nacional côlha tambem os meus aplausos! Ha factos que ficam gravados na alma de todos nós, e, esse humilde paladino da nossa Republica, esse *dectetive* astuciozo e habil, intelligente e fino deve ter aqui a consagração de todos nós bons republicanos (apoiados)»

E a mysterioza personagem, quando d'isto soube, ouviu, sorriu e... quedou silenciôzo.

5.ª parte

Governo Civil de Lisbôa. Os policias de serviço escovam-se engraxam-se andam n'uma faina. «Vem ahi o homem.» E tudo é salamaleques para a direita e para a esquerda, o governador civil vem receber á saida do automovel o mysteriôzo personagem e condu-lo ao seu gabinete. Fecham-se por dentro e durante, duas horas o pessoal todo intriga-se cá fora á espera do resto. Alfim abre-se a porta e o governador civil, ainda se ouve o dizer.—«Deve ser sensacional o que V. Ex.ª nos não quer dizer por emquanto. No entanto pode V. Ex.ª contar com um logar bello na policia, governador civil do Porto, talvez d'aqui quem sabe se ministro... hein seu marôto?

Se V. Ex.ª precizar de mais automoveis é só dizer»,

E o mysteriozo personagem de chapeu molle, cachimbo nas algibeiras do sobretudo ouviu, passou, sorriu e... quedou silenciôzo.

6.ª parte

Gabinete do ministerio do interior. O ministro esfrega as mãos de contente! Monologando:

«Ora aqui temos um caso biologico! Este homem era monarchico mas vem servir a Republica! E que diabo é que eu o hei de nomear? Se fosse ha dias ia a deputado com o Covões mas agora que ha de ser? Ministro de instrução? O Souza está cada vez mais Soizas... diabo, diabo! Vou chama-l'o para lhe dar dois abraços!»

E o mysteriozo personagem quando se viu tão altamente cotado, sorriu, sorriu, sorriu e... quedou silenciozo.

7.ª parte

Automovel ás ordens. Bilhete de livre transito inviolavel e seguro, Manhã de Dezembro frio com nevoeiro e orvalho crystalino. Caminho ao norte galga um *auto* vertiginosamente kilometros da estrada nacional. Dentro dois policias, o mysterioso *detective* e um reporter.

—«Quod vadis Homero?»—lhe pergunta o jornalista.

—«Vou alli já venho»—regouga o mysterioso *detective*.

E segue sempre desenfreado o auto. Os bufos fazem as continencias da praxe, as portas, os guardas inclinam-se á passagem. Fronteira, não é precizo documentos, ha o salvo conduto... e tudo segue... Chegado a Vigo, apearam-se, o *detective* de cachimbo, mãos nos bolsos e chapeu molle carregado sobre os olhos aponta a fronteira e ordena para que desapareçam quanto antes!

—«Mas...

—«Oh!...

—«E quando.—

E o mysteriozo personagem, ouviu, fumou, sorriu e sumiu-se silenciozo!

8.ª parte

Meia noite em S. Paulo. O sr. *Cevola* coça a cabeça, o *leader* da maioria cheira a arnica a ver se está acordado, o o orgão puxa os cabellos, o ministro passeia agitado...

Telegramas cruzam-se... «Então que é isso homem?»

E lá longe, *entre os seus*, o mysteriozo personagem, ouve, sorri e queda-se silenciozo!

Dá mais meia badalada e ouve-se o piar d'um gallo em St.ª Combadão.

F. de T.

No proximo numero a chronica;

Confusão de narizes confusão de partidos.

O BOLO REI

Ao amigo Alcobia da Pomona.

Foram-se os reis, os tetricos senhores
De baraço, cutelo e tyrannia;
Falar n'um rei p'ra nós c'arrelia
Perpassando da Historia os mil horrores,

Foram-se os reis que, todos ou traidores,
Uns autocratas, maus na maioria,
Só levaram comsigo a fidalguia
Que á *reinação* deitava muitas flores.

Foram-se os reis, p'ra bem cá do paiz.
Mas na festa dos reis sempre direi
O que todo o povinho p'rá'hi diz:

—Quem come do Alcobia o bolo rei
Trincando qualquer rei grande ou petiz,
Sente umas sensações que são de lei!

Orlando.

Uma aposta

Muita gente estranha que o partido *unionista* do sr. Cabrito se vá unir legalmente *á facia* da egreja com a gente do *Zé Antonio*.

Não ha razão para estranhesas.

Unionista como é, só pensa em fazer uniões, e é de crer que apoz o casorio ainda tenhamos que noticiar um divorcio.

Apostamos.

LUCTAS D'AMOR

Luctou velho presumido
Com rapariga formosa;
O velho ficou vencido
E a *typa* victoriosa!
Sempre os velhos ficam mal
Em lucta tão desigual.

P'ra cumulo da desgraça,
D'essa *typa* era o filé
Ao velho gastar a *massa*,
P'ra depois passar-lhe o pé.
E o velho, muito escamado,
Ficou de *chapeu armado*.

Virgilio Maia.

Os Apostolos, nos tempos em que, quaes Evangelistas, propagavam o *sonho republicano* pelos comicios, em conferencias e palestras, prometteram toda a sorte de venturas ao povo portuguez. O *5 de Outubro tornou o sonho em realidade*, mas as venturas ainda não chegaram, não obstante haver mais de tres annos que foi proclamado o regimen da redempção da Patria, como ELLES lhe chamavam.

O povo que frequentava os comicios, suppunha que, proclamada a republica, os seus males teriam fim!...

Foi por isso que, após essa proclamação, as gréves se succederam, prejudicando o paiz economica e politicamente.

As classes operarias no nosso paiz, atrazadas quanto á instrucção, desorganisadas, sem guiadores que se impozessem, viram que, se a republica se tornou uma realidade, as venturas promettidas não passaram de uma mystificação...

Todos nós sabemos que num edificio em construcção, as obras se começam pelos caboucos e não pelas cúpulas. O mesmo sucede com as sociedades, que só lentamente vão evolucionando e se transformam. Nunca um povo atrazado, ignorante, sem capacidade para se reger, póde passar da sua escravidão, da sua vassalagem subitamente, ás realidades de uma republica perfeita. E' que as velhas ideias não desapparecem facilmente. As velhas tradições não se apagam com decretos. O tempo, que é um verdadeiro senhor absoluto, transforma todas as coisas, bastando para isso deixal-o actuar.

As classes predominantes inquietam-se bastante com as ameaçadoras inspirações das multidões. E' com certeza um erro, porque o tempo, elle e só elle exclusivamente, ha de restabelecer o equilibrio. Segundo Lavisse, nenhum regimen teve a dita de se fundar n'um dia e d'uma assembleia. As organisações politico-sociaes são obra de seculos. O feudalismo subsistiu informe e cahotico seculos, mais tarde achando as suas regras. As monarchias viveram seculos sem terem encontrado meios regulares de governo, e todos esses periodos de transição foram épocas de grandes perturbações...

Se dissermos que o povo portuguez não estava em 1832 devidamente preparado para o constitucionalismo, ninguem nos póde contestar tal assersão. O mesmo se póde dizer que o seu preparo para uma republica avançada está muito longe, quanto a instrucção e educação do povo suisso...

Fóra de três ou quatro centos populares, onde ha alguma instrucção, o resto do paiz não sabe o que quer e ignora em absoluto o que é a republica, como ignorava o que era a monarchia!

A tradição religiosa não se apaga do do espirito d'essa pobre gente com portarias nem com decretos.

Ha muito que trabalhar para que Portugal possa ser grande.

Educar e instruir era o grito de guerra dos republicanos contra a monarchia, em tempos que já lá vão.

Mas a instrucção, como a educação, sendo a primeira necessidade dos povos depois do pão, não vemos que ella tenha tomado grande desenvolvimento, pois os governos com a sua politica partidaria, teem seguido o caminho dos velhos partidos do tempo da ominosa.

*

O pão é um artigo de primeira necessidade. Entre nós é caro. E' por isso que á custa do pão se teem tornado millionarias varias entidades, que ainda não ha muito andavam de tamancos e não tinham onde cahir mortos...

As opulentas fabricas de moagem do Caramujo, do Bom Successo, do Beato, de Sacavem, da rua do Barão e outras, foram construidas com o suor e o sangue do *Zé* povinho, explorado por monopolios disfarçados...

Esses grandes edificios, com as suas altas chaminés, lançando ondas de fumo no espaço, são o producto da exploração mercantil de alguns individuos e do trabalho de todos que exercem qualquer *metièr*, e que não podem passar sem o pão para a bôca.

Pouco nos importa saber se este ou aquelle moageiro começou a sua vida pelo oficio de carroceiro ou pelo de moço de recados; o que não podemos deixar de notar é que o pão que comemos não sômente é caro, mas tambem é de má qualidade. O pão de 80 réis o kilo, tem mais quantidade de farinha de milho e outras, do que da de trigo!

E os exploradores do povo tudo falsificam, porque a fiscalisação sanitaria effectiva não existe, não obstante haver sub-delegados de saude á farta.

Ha bem pouco tempo que os padeiros envolviam o pão que vendiam aos consumidores, em papel limpo, sem letras, segundo foi recommendado pelas authoridades.

Foi sol de pouca dura. Continuam a envolvel-o em papel de jornaes impressos e sujos, como antigamente!...

*

Dizem para ahi que o tango entrou na civilisação! Talvez a civilisação entrasse no tango, pois que até o imperador da Allemanha auctorisou que os militares possam *tanguеal-o* á paisana.

Os espiritos mais propensos á pandega do que ás realidades da vida preoccupam-se com essas coisas mesquinhas, que se devem denominar—*frioleiras da civilisação.*

E' que no mundo ainda ha quem encare a vida pelo lado melhor e geralmente aquelles que o fazem não conheciam d'ella o lado mau, que é feio e rugoso, como o são todas as coisas avelhentadas pelos tempos.

As modernas sociedades tem, não obstante os progressos das sciencias, rugas que ainda hão de levar seculos a desapparecer.

E' que nas profundezas da baixa sociedade existe o inferno dantesco da miseria, onde o homem é um escravo e a mulher chega-se a vender para angariar o pão para a bocca!

A nossa civilisação é esplendida na parte superior, mas miseravel do lado de baixo.

A philosophia, mesmo nos dominios do dogmatismo, em todos os tempos offereceu contestação. Só as sciencias exactas e experimentaes são a realidade...

Quem diria nos seculos XVII e XVIII que os comicos e os toureiros ainda haviam denominar-se — *artistas?*

Com o decorrer dos tempos até a moral se *transforma*...

....

*

A gatunagem tem feito, nos ultimos tempos, roubos importantes. Não ha cidade na Europa mais mal policiada do que Lisboa, porque os guardas, quando não estão concentrados nas esquadras á espera de combater *a hydra das grandes fitas homericas*, na rua, não se ralam muito com o que se passa, porque ha para ahi uma cohorte de desordeiros que são temiveis e coisa alguma respeitam.

Depois, temos os jornaes a publicarem o n.º de patrulhas que os guardas apanham de castigo, facto que muito alegra os meliantes, que fazem grande chuchadeira dos punidos.

Aquellas noticias dadas aos jornaes, concorrem para o desprestigio do corpo de segurança.

A victima de um dos ultimos roubos, dizia-nos, ha dias, que os guardas que fazem serviço á paizana passam o seu tempo mettidos em baiúcas a decilitrar!

Necessitamos que o corpo de segurança sirva mais do que para vistas... e que os cidadãos tenham a sua vida e haveres garantidos.

A policia custa ao paiz quasi MIL CONTOS!... e a guarda republicana OUTRO TANTO! Para quê? Para a cidade de Lisboa ser um vasto campo de manobras da gatunagem e dos desordeiros!...

Em plena rua, a garotada marroquina joga a pedrada, o «tennis», o «foot-booll», praguejando como carroceiros, sem receio da policia.

E' o civismo moderno, que agora está em todo o seu explendor!...

*

Um relatorio sobre o Turismo, sahido da respectiva repartição, diz que os portuguezes são muito mal educados, que tudo riscam e estragam e que n'um dos elevadores da torre Eiffel, do 2.º para o 3.º pavimento, foi encontrado o nome de um portuguez traçado nos vidros!

Já é muito velho que a má educação parte de cima d'esses mesmos que tomaram chá de pequenos e que cujos costumes sobre moralidade muito deixam a desejar.

Nos tempos de Luiz Filippe, segundo reza a chronica, os parisienses costumavam desenhar, nas paredes das casas da grande cidade, uma *pêra*.

Uma occasião um garoto desenhava n'uma parede uma grande pêra, mas como fosse muito pequeno, todo se esforçava por chegar á altura precisa para fazer aquelle trabalho.

Por detraz do garoto surgiu um individuo com a sua malva debaixo do braço e ajudou o garoto a completar o trabalho, dando-lhe um luiz. Esse individuo era Luiz Filippe, o proprio rei de França!...

E' de crér que n'esse tempo os francezes fossem tambem mal educados... como os portuguezes o continuam a ser...

*

Ha 40 annos que os hespanhoes escangalharam a sua republica.

As dissidencias entre elles déram origem ao golpe de estado, que fez proclamar a monarchia affonsista.

Aquelle historico exemplo devia servir para que os nossos politicos fossem mais pacatos, cordatos e sensatos e tudo que acaba em atos...

*

Nas colonias portuguezas da Africa Oriental parece que as coisas correm

UM HOMERO FURTA-CÔRES!...

Chegou... viu... comeu e... desappareceu!;

mal. Pedem para ali um governador com competenciá para o cargo, chegando a indicar o sr. Freire de Andrade, *antigo franquista, teixeirista* e recente mente *affonsista*...

As nossas colonias precisam de governadores sensatos e que sejam verdadeiros coloniaes, mas dispensam os governadores tyrannos que parecem-se com os presidentes do Mexico — *Madero* ou *Huerta*. Tambem precisa de funccionarios competentes.

Por emquanto, os melhores logares pertencem á gente da tropa, que custa mais de um terço das receitas coloniaes! As colonias portuguezas ha dezenas de annos que estão sob o tacão esteril dos militares. Até o municipio de Lourenço Marques tem por presidente um militar, de quem o *Intransigente* ha dias publicou a biographia.

JEAN JACQUES.

Receita inutil

Quem fôr beato ou beata
E queira um padre arranjar
Na casca d'uma batata
Deite ronha, zaragata
E fanatismo a fartar.

Tudo quanto máu se inventa
Deite tambem p'ra tempero
Pondo-o a ferver com pimenta!
E com rubicunda venta
Tem padre são como um pero.

Oscar.

SIGNIFICATIVO

Na Associação dos Empregados do Commercio houve sessões tumultuosas e um orador disse que era necessario alargar o serviço medico para a prosperidade da Associação.

Comprehende-se.

Quanto menos medicos houver menos socios morrem. Deve ser isso.

O que eu vi!

Numa casa de pasto,
Trincando fresquinha alface,
O nosso prezado *K. K. To*
Fazendo réclame fino
ao Sabino,
Do bom **Chiado Terrasse.**

Lingua comprida

Um senador fulo, iracundo, mais bravo que uma tempestade, capaz de arrasar o mundo inteiro declarou, acerca de uma intrepelação que hav.a de fallar como quisesse não admitindo interrupções e que ia diser cousas tetricas e ratazanas.

Uh, papão!

Não sabemos se quando o leitor nos ler já o homensinho terá despregado o saco, mas parece-nos que da montanha sae um ratinho.

Acomóda-te leão!

Deixe-se lá de chinfrim
Porque é uma ideia tosca
E no fim
Pode entrar alguma mosca!

*

Lemos que pelo novo contracto com a *poderosa* dos eletricos o Zé vae ter carreiras mais baratas porque as formosas zonas que custavam 3 centavos passam para um vintem.

Já batiamos as palmas de contentes quando uma mosca varejeira nos segredou aos ouvidos que as taes zonas.. iam encolher, ficando á expressão mais simples.

Se assim é, obrigadinho pela barateza!

Vae-te lá ganho não me dês perca.

Eu que sou homem pacato
Digo lá a gente mór:
— Não lhe mecham no contracto,
Não lhe toquem que é peior!

*

Um padreca que é secretario do nogento bispo de Beja appareceu ha dias em certa terra para suspender um padre pensionista.

O povo que o soube reuniu-se e se a guarda republicana não acode os sacros toucinhos do masmarro tinham apanhado um calor.

Ora quando se convencerão esses córvos agourentos de que o povo já não está fanatisado?

Quando terão juiso já que não podem ter vergonha?

A guarda foi apressada
Talvez um pouco demais
Desendendo a padralhada
Mas, coitada:
Teve dó dos animaes.

Orlando.

Conselho d'um parvo

(A UM FRIORENTO)

Com o frio que está põe te a nadar,
Já se vê, livremente, em pleno mar,
E se podes comtigo leva a súcia,
Nada sempre e vae parar á Russia
Que quando lá chegar's com todo o brio
Hasde dizer: — na Russia é que está frio!...

ex.

Carnêt d'um maduro

Natal-Anno Bom

Dias de festa e entusiasmo, época em que as creanças felizes se fartam de gulodices e as familias as rodeiam de brinquêdos.

E a contrastar com esta felicidade, um humilde garôto, descalço, com o cabelo emaranhado, a cara suja e uns olhos piedozos, vê uma montra aonde se acumulam doces variados e apetitosos, pasteis dourados que parecem sorrir para quem os vê, emfim, uma infenidade de coizas belas que despertam o apetite, mas que a elle, miseravel e desprezado, só com a vista lhe é dado apreciar.

E o garôto scisma no natal das creanças ricas, cheias de goluseimas, com todos os apetites satisfeitos, emquanto elle, irmão da infelicidade, não tem um brinquedo que o distráia, um rosto que lhe sorria, um beijo que o acaricia.

E certamente teria caido de emoção, se um varão amarelo que resguarda a desejada montra o não amparasse.

Olha para a esquerda, e uma senhora cheia de veludos e peles, dando a mão a um bébé que sorri continúamente, feliz e satisfeito entra na loja.

O desventurado garôto, já não póde mais, dá uma volta ao côrpo, e fica por uns momentos encostado á parede da pastelaria, com as mãos vermelhas e tremúlas de frio, metidas nas algibeiras, e os olhos fitos no chão.

De subito, levanta a cabeça, e continúa a caminhar, fi gindo desprezar tudo o que tinha visto, simulando esquecer as emoções que tinha sentido.

Mas a fatalidade persegue-o!

Agora uma montra cheia de brinquedos, surge-lhe á vista. A mesma admiração, o mesmo pasmo, e finalmente... a mesma tristeza!

Como elle se sentiria feliz se possuisse um comboio em miniatura que dá dezenas de voltas n'aquele paraizo infantil, e um bull-dog que mexe a cabeça e pisca os olhos... Mas qual!

O comboio custa dezaseis tostões, o cãozito custa oito e o desventurado garôto possúe ao tôdo a pasmoza quantia de cinco reis, que constitue tambem a sua fortuna.

Uma lagrima passageira brilha lhe nos olhos, e elle cançado e desiludido, senta-se num degrau de pedra que há proximo, pensando na senhora dos veludos, especialmente na feliz creança que vira ainda há pouco.

Um grito brutal de um homem mal trajádo fál-o erguer rapidamente, e elle medroso, continúa andando á tôa sem saber onde, triste e pensativo, o pobre garôto a quem a desgraça e o infortunio não permitiram que tivesse um natal alegre e feliz como outras creanças da sua edade.

Pevide Sem Felix.

A FUSÃO

Diz-se que é o sr. Duarte Leite quem tomará a chefia dos bandos evolucionistas-unió-cabrito-macho.

Fica bem. E' o partido do leite, mas cheira-nos a leite-creme.

O policia-amador

Conto a lá minute

Depois de 79 volumes de Conan Doyle, de uma embriaguez de Sherloc Homes, que lhe fizéra tremelicar o cerebro, o Jesuino da Costa resolverase a policiar por sua conta e descobrir mil tramas de «complots», tragicas surprezas de assassinatos, descobrir cadaveres mysteriosos e roubos sensacionaes! Comprou uma «boina» no Grandella, sobretudo, badine, metteu cachimbo e passou a usar botas americanas de duas solas e callos! Rapou o bigode e deixou de usar lunetas.

Comprava todas as manhãs «O Times», embora não soubesse inglez; era para «dar ar!» Andou dois mezes de nariz no ar e foi preso quatro vezes por equivoco; desanimado já, mettera-se uma tarde no comboio na altura de Santarem, para vir pôr o sobretudo e o cachimbo no prego. O vagon de 2.ª, grande, com pequeninos compartimentos, vinha quasi vazio. N'um d'elles, quasi ás escuras, tudo fechado, ao abrigo da frigidez da noite, meio embuçado, um typo suspeito, olhando em redor, inquietantemente, fêl-o palpitar. Sentou se no banco fronteiro, no canto opposto. Aconchegou-se, semi-cerrou os olhos e pôz se de ôlho álerta, espreitando de soslaio os mais pequenos movimentos.

Era um camponio espadaúdo, forte, typo maltratado, adusto, de olhos piscos pequeninos e braços cabelludos de marchante. Usava um gibão de gola empelçada e tinha sob as pernas, meio occulto com o capote, qualquer coisa volumosa, que pretendia forçosamente esconder! Olhava inquieto, por baixo da aba do chapeu largo, para o nosso Jesuino; tentava descobrir as alturas onde se ia, atravez da noite negra e chuvosa, e consultava amiudadas vezes a «cebola» gorda de prata.

Houve um momento em que Jesuino empallideceu. A um movimento largo, desenhou-se um embrulho debaixo do homem embuçado e elle pôde adivinhar uma mancha avermelhada de authentico sangue, marcada n'um papel grosseiro! Quantos crimes de infanticidio tem vindo a lume? Quantos se não conhecem, morrem no mysterio sinistro dos dramas bem urdidos?! E sob o papel desenhando um craneo, Jesuino não deixou de fazer incidir o seu perspicaz olhar! Desconfiado, o homem de cara patibular, tapara aquelles restos com o zeu amplo capote; mas aos movimentos da marcha do comboio surgia de novo aquella mancha de sangue, aquella fórma de craneo humano! E n'esse dia, o deus protector dos homens espertos, favorecia Jesuino. A' entrada do tunel o homem adormeceu e conservou visivel mais tempo a prova do delicto. Jesuino meditava! O triumpho, a hora da recompensa! Disfarçou e sahiu do compartimento, fazendo bulha. Era quasi a sahida do tunel e o homem de cara hedionda, julgando-se só, baixou-se e ageitou o fardo sinistro; entreabrindo o papel meio roto, olhou para dentro e sorriu diabolicamente! Jesuino, pallido, tambem viu, espreitando cá de fóra, exhausto, sem uma pinga de sangue! Um olho, um olho com menina e tudo, azul-pallido, sereno e frio, parecia supplicar; tinha estampados os ultimos momentos de angustia! Teve calafrios!

A' chegada, logo que o homem, depois de ter embrulhado n'um jornal novo o fardo e ter descido, Jesuino, correu ao logar onde elle estivéra e, baixando-se, viu no chão três pingos vermelhos de sangue. Era horroroso!

Sahiu precipitado para seguir aquella pista formidavel! O homem ia perto dos balcões dos fiscaes e, desconfiado, olhava em redor, disfarçava-se e... esgueirou-se sem que o fiscal o visse, com o sanguinario embrulho debaixo do capote! Jesuino não podia mais; lembrou-se do olho azul supplicante da victima, e certo de que o mysterio envolvia drama agudo, chamou um fiscal e contou-lhe o que se passava.

O homem de cia lentamente, parecendo mais tranquillo. Foi então que Jesuino, sentindo a hora do triumpho e o dedo de Sherloc a apontar-lhe o dever, pousou a mão sobre o hombro do homem de cara patibular e, apontando-lhe um revólver, lhe disse:

— Escusa de fugir; está preso!

Levado á presença do commandante da guarda titubeou, chorava quasi, emquanto Jesuino fazia conduzir pelo fiscal, seguido de dois policias, o embrulho terrivel! Só então o nefando crime foi posto a claro: o sanguinario homem de cara patibular pagou a competente multa do contrabando, por ter querido passar aos direitos um autentico vitello morto, retalhado, deshonra da mestria e da sherlochamisse de Jesuino.

Na rua, porém, o homem de cara patibular, sabendo que o delactor pulha que o fizéra pagar uma multa pezada fora o Jesuino, attestou-lhe uma tareia que o trouxe em vinha d'alhos três semanas, guardando o leito e uma saudosa recordação dos tempos do *cachimbo* e das espertezas!

E desde então, Jesuino dedicou-se á secretária pacata do ministerio do fomento, onde amaldiçoa *Conan Doyle!*

F. de T.

Almanaque d'O ZÉ

(Ao sr. director d'O Zé)

Illustre director, Senhor Carvalho,
(Que é Estevam tambem mas não *'Stebão!*)
A' hora em que isto escrevo inda gargalho
De tanta graça lêr e tanta reinação

No *Almanaque d'O Zé!* Se não 'estou falho
De lembrança, talvez, eu com razão,
Podia affiançar que o seu trabalho
Não tem igual cá dentro da nação!...

Desde o principio ao fim é um primor,
Tem arte e litt'ratura valiosa,
E' todo um mar de graça e fino humor...

A gente dolorida, desditosa,
Vae ver curado todo o seu tristôr
Se ler desse *Almanáque* a rica prosa!...

L. M.

O sr. dr. Brito Camacho, abriu o novo anno com um artigo, na «A Lucta» de duas columnas e *picos*, para plagiar aquele santo varão, que em Montmartre formou a celebre companhia que tinha em vista reduzir a humanidade a torrêsmos. Sua intelectualidade afirma que **todos os meios são legitimos desde que sejam efficazes.**

Será verdade que a *politicagem* transtorna?

Todos sabemos que os hespanhóes nada precisam de Portugal, mas como aconteceu que três vapores de pesca se enganassem no **rumo** e fossem por isso encontrados a pescar em aguas territoriaes portuguezas, tiveram de se entender com as auctoridades de *Leixões* desembarcar o peixe e pagar uns **quartitos** pelo engano.

Si no fuéra por toller la navégacion...

No nosso paiz ainda ha muitos ingenuos, que julgam ser a phrase de Emygdio Navarro, o grande jornalista, só aplicavel a alguns politicos d'este jardim á beira mar, mas para illucidação da maioria, aconselhamos-lhes a leitura da **Westminster Gazette,** d'um comunicado assignado por C. M. Tenison.

Prevenimos os nossos leitores, para não pegarem no referido jornal inglez, sem estarem munidos d'um frasco de sais.

Já são tres!

Agora acaba de aparecer mais um pretendente ao trono de Portugal.

E' a condessa de Santa Eulalia, representada por seu filho sr. Stetson.

Adeus Manolito!

Lemos o projecto do novo contracto entre a a companhia carris de ferro e a Camara Municipal de Lisboa, e lá vai a nossa opinião, porque *O Zé tambem quer ser gente.*

Não se póde negar que o progecto satisfáz quasi por completo, notando-se não fossem publicadas as posturas municipaes de que se citam os numeros, o que indica não se terem ainda perdido todas as manhas da decantada monarchia.

Os 150 passes de que se não esqueceram, em nossa opinião, devem ser **especiaes** e não pessoaes, e se nos tocarem no guiso diremos porquê.

Os passes que a companhia fornece ao publico deveriam poder ser pagos em mensalidades, sendo a primeira de 10 escudos e as seguintes de 5 ditos.

Quem não pagasse as prestações em tempo competente perderia o direito ao passe e a companhia ficaria como compensação com 5 escudos do trabalho causado.

Ao nono mez ficavam os passes pagos e tres mezes para arranjar os 10 escudos do anno seguinte.

Os augmentos do artigo 23, não grudam.

Ficaria bem assim?

Abelha Mestra.

Recebemos o 7.º numero d'*O Reclamo* cujo summario é o seguinte:

As boas festas de O Reclamo — O Natal. Côro dos pastores, (poesia). — Therapeutica. — Aos Commerciantes e Industriaes. — A' Nini, (poesia). — Anthropologia. — Castello de S. Jorge, (gravura). — Questões sociaes. — As novas linhas da Companhia Carris de Ferro. — Novos mercados em Almada. — Secção litteraria. — Immaculada da nossa terra. — Frio e Moda. — Curiosidades. — Assumptos de Interesse Geral, etc.

Modo simples de saber o futuro de vossos filhos, em 12 quadras

I

O petiz que nascer de manhã,
P'ra não ter nada em que pensar
Deve logo pedir á mamã
Um revólver para se matar.

II

Todavia, se nasce á noitinha,
E se vem de rosto taciturno,
Esteja alegre a mamã, coitadinha,
Que o petiz será guarda nocturno.

III

Se o menino não quiz estudar nada
E' palerma, idiota chapado,
A mamã póde estar descançada
Está ali um belo deputado.

IV

O menino que nasça de dia
Já se sabe que vem malfadado,
Deve ir logo a uma drogaria
Comprar óstias de sublimado.

V

Se o petiz gosta de vêr barrótes
E com páus andar todos os dias,
A mamã póde dar seis pinótes
Que o petiz há-de ser limpa-vias.

VI

Se gostar de fazer berraria,
Se fôr tôlo, maluco e fôr tôrto,
Chore o pai, chore a mãe, chore a tia
Que o petiz aos cem anos esté morto.

(Continúa). *Zerro driges.*

Come e diz mal...

O conhecido Caracol, que foi administrador de concelho de Freixo de Espada e n'outros pontos, no tempo da *outra mulher*, é actualmente amanuense do ministerio das finanças em disponibilidade e recebe da Republica de quem tanto diz mal, cerca de 22 escudos e tal por mês, sem fazer nada!...

Como a Republica não lhe chegou o logar de 2.º official da contabilidade do ministerio das finanças, ele canta, mas não larga os escudos.

Isso larga ele! Que grande piadista!

Colyseu dos Recreios

Continuam as estreias quasi todas as noites, sempre recebidas no meio de estrepitosos applausos.

Mr. Whillard (o homem que cresce), conseguiu prender a attenção de todos que presenciaram o seu prodigioso trabalho.

N'um dos proximos espectaculos, a assombrosa novidade — *a corrida de dois automoveis no espaço.*

Outras surprezas ainda nos vae apresentar o activo emprezario Antonio Santos.

Concertos Blanch

No domingo teremos outro concerto pela magnifica orchestra do Republica. Sendo bem conhecida a perfeita execução e interpretação dada a todos os trechos, desnecessario é recommenda-lo: basta lembra-l'o. Isso fazemos.

O ZÉ no theatro

Republica — Caixeirinha.
Polytheama — O Toureador.
Trindade — A Grã-Duqueza.
Gymnasio — O mysterio do quarto amarello.
Avenida — Maridos Alegres.
Colyseu — Espectaculo variado.
Rua dos Condes — Pathé-Jogral.

Animatógrafos

Infantil (Arco Bandeira) — Bocacio na rua — Variedades.
Chiado Terrasse — «Films darte» e concerto Caggiani.
Olimpia — Novidades animatograficas — Concertos pelo septimino.
Quintas-feiras — Matinée-rose ás 15 horas.
Salão da Trindade. — Animatógrafo.
Salão Loreto. — Animatógrafo — Fitas faladas.
Central. — Animatógrafo e concerto.
Salão dos Anjos. — Na Mala (revista.

TODOS CONTENTES

O grande Homero consegue agradar aos que o escutam, ludibriando os que ingenuamente o acreditaram!...